



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 27 de Dezembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1847 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

INTERPÕE-SE este número d'O GAIATO entre a celebração do Natal de Jesus Menino e o aniversário do nascimento da nossa Obra.

Por via do nascimento d'O Menino, o mundo mudou radicalmente, e um novo paradigma ficou indelevelmente a marcar os passos da humanidade. Em cada lugar e pelos tempos fora, os efeitos do Natal de Jesus provocaram o nascimento de novas respostas aos anseios dos povos nas suas necessidades de justiça, do hoje e do horizonte mais longínquo das suas vidas.

Quantos trabalhos em favor dos pobres foram nascendo e se desenvolvendo ao longo da história cristã, como rebentos novos brotando por efeito da criatividade que lhe é própria?! Obras e Obras, porque a fé sem elas é morta.

Ao momento do nascimento precede o tempo da gestação e preparação para o acontecimento da luz. Também a nossa Obra foi preparada e gerada no coração de Pai Américo, pela fome e sede de justiça que o foi inquietando nos tempos e lugares que antes lhe foram dados viver. É sintomático o seu reconhecimento da importância que tiveram as suas visitas aos pobres, nos primeiros anos do seu sacerdócio, como disse, para «o desabrochar mais tarde em uma obra urgente e inédita – o Património dos Pobres».

Os pardieiros em que os pobres, seus conhecidos, viviam, à margem de uma vida digna de seres humanos, lançou-o na busca de sol para eles e para o futuro de seus filhos. Foi assim que num dia de Inverno lhes pôs a mesa, os aconchegou à lareira e os fez descansar entre lençóis a cheirar a lavado, a estes que tudo isto desconheciam. Foi há 75 anos, na Casa do Gaiato de Coimbra, em Miranda do Corvo, e a partir daí nunca mais teve descanso, angariando tudo o que faltava ao pecúlio que os rapazes traziam consigo – os seus dons

naturais – postos a render numa comunidade constituída como a sua família, para muitos deles a primeira e única.

S. Francisco de Assis, que também andava ali por perto, cantava que há mais alegria em dar do que em receber. Os pequeninos de Pai Américo, também trauteavam a mesma letra e aprendiam a cantá-la a partir de dentro, saboreando as coisas pequeninas que saíam de suas mãos: Quanto mais alegria não há numa jarriinha de flores campestres posta na mesa da refeição, por suas mãos, do que num arranjo floral artístico feito por mãos sábias mas profissionais?

No coração de Pai Américo nascera um hino à vida, tocado e cantado ao longo das gerações que se constituíram nestes 75 anos de história da nossa Obra. Gente de dentro e de fora, cujos corações afinaram na mesma nota. Quando pobres, fácil lhes foi cantarem o mesmo hino, mas se egoístas não o deixaram soar. Foi esta desafinação que levou Jesus, após o Seu Nascimento, ao Egipto, e nos levará ao nosso egipto se as circunstâncias o impuserem. □



Casa de Repouso do Gaiato Pobre (1940) – obra de intuição e de amor.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Com restos de luz

NÃO tivemos ainda a oportunidade de conhecer Roma nem a Turquia, onde o Papa Francisco e o Patriarca Bartolomeu de Constantinopla felizmente se encontraram nesta proximidade do Natal, no caminho da comunhão. Professamos todos a nossa fé em Deus feito Homem. No essencial, unidade. A diversidade é uma grande riqueza e Jesus deu um sinal: nasceu pobre!

Para além do resto, de uma

família de filhos da rua, em que nos é dado viver, cujas mil e uma solicitações nos inquietam nas vinte e quatro horas, também é preciso fazer um esforço sempre que possível para ir às chamadas periferias existenciais, de onde provêm os clamores mais insistentes, ao encontro de outros filhos de Deus, marginalizados e cujas pobreza os excluem. São pobres urbanos e suburbanos, com necessidades básicas que não podemos ignorar. Entre outros, têm-nos chamado emigrantes, refugiados que debandaram de misérias agressivas neocoloniais, com interesses obscuros. São peregrinos da sobrevivência, cuja indignidade tão sentida e dolorosamente escutada não descansa em paz quem a conhece e às vezes se entenece, pois vemos sempre rebentos a florir.

Havia que não descolar de um caso recorrente. Entrámos por uma viela no cantinho de uma mãe, esforçada, de um pré-adolescente com mazelas, cujo aluguer lhe pesa mesmo. Contudo, vão conseguindo refazer a sua vida familiar, desde que os encontrámos em abrigos mais precários. Tantos alojamentos às moscas, com a nossa pobre natalidade, crescente emigração jovem e empréstimos agiotas.

Com um sorriso nessa despedida, veio depois a jeito a estação seguinte dessa via de luz, pois o curral de Belém é um sinal excelente para os indiferentes e descrentes. O Altíssimo desceu

até ao limite do humano, para dar esperança a toda a humanidade. O Nosso Salvador não é invisível quando vemos os outros frágeis e na nossa indignidade. Dessa margem, ao fundo de uma ladeira, subimos às escuras e entrámos no quartito de outra mãe, desamparada, mas com uma grande riqueza e beleza ao colo que quer criar a todo o custo. O pequerrucho finório não largou os olhos da papa. Fizemos bem em carregar o burro até o derrear.

Tivemos de fazer como os Magos, bem guiados neste caminho, fugindo dos herodianos. Devíamos uma visita a um lar refeito, onde se acolhe agora um menino que ainda não se recom pôs do voo da casa da mãe, como vão os pequenitos apelidando os quartitos das paredes mais vetustas da antiga Casa de Repouso do Gaiato Pobre, para onde sobem cachopitos reguiiaços. Já lá vão 75 anos desde que se abrigaram aqui os primeiros Gaiatos: *Eram três mendigos das ruas de Coimbra. Pela primeira vez comeram de garfo, viram uma cama lavada, sentiram a presença de um amigo* (Padre Américo).

Com estas estações, aproximava-se um monte em jeito de Calvário, mas com um nome de santa, cujas veredas pedregosas nos levaram a um antro húmido e escuro, com uma enxerga para a pernoita dos filhitos. O mais crescido, delicado, avisou-nos logo: — *Não traga ainda os beliches, pois ainda não sabemos para onde vamos...* Do Evangelho, Pedro disse a Jesus: — *A quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna.* O garoto foi um guia a sério, pois conduziu-nos a uma

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

JÁ o escuro havia invadido o ambiente, no final destas frias tardes de Inverno.

Acabei de celebrar o Mistério e saía da Capela ainda envolto n'Ele. Os rapazes, chegavam das aulas, no nosso autocarro e inundavam de chilreio todo o largo recinto ajardinado da Casa. A sineta tocava a chamar toda a gente para o Terço.

No átrio da Capela, iluminada por uma luz baça, estavam dois homens à minha espera e mal abri a porta para sair, e a fechei à chave para guardar o Santuário:

- É o Sr. Padre?
- Sou. O que me querem?
- Vimos pedir alimentos. Não temos nada para comer!
- A esta hora?
- Vimos de longe.
- De onde?

E lá me disseram a localidade, que fica no centro populoso do Distrito de Setúbal.

— Ainda moramos ali há pouco tempo, não temos atestado de residência e não nos dão nada.

Achei estranho. Como pode ser?

— Há umas senhoras que distribuem lá num salão, mas como não temos atestado, dizem que não podem dar.

— É possível! Mas como vieram aqui?

— Foi uma senhora lá da Igreja que nos disse.

Um deles tremia de frio, o outro nem tanto.

Continua na página 3

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

VACARIA — Uma das nossas vacas castanhas pariu uma vitelinha. Esta vitelinha é muito fofa e à maneira que for crescendo pela natureza, vai ficar uma vaquinha para também parir se for preciso. A vacaria já tem muito estrume, a maior parte feito com folhas das árvores da nossa Aldeia.

BANDA DESENHADA — Os nossos tipógrafos estão a fazê-la para corresponder aos pedidos dos nossos Amigos, que têm sido muitos. A Banda Desenhada fala sobre o nosso querido Pai Américo, para que todos possam ficar a conhecer a sua vida e obra, principalmente os mais novos. Quem desejar recebê-la basta pedi-la à nossa Casa de Paço de Sousa.

FÉRIAS — Nós, os Rapazes, temos uma tarefa para ser cumprida por nós próprios: Varremos e apanhamos as folhas que caem das árvores, lançamos os livros da biblioteca no computador, arrumamos as coisas que nos oferecem, tratamos da copa, do nosso refeitório e da cozinha, fazemos a limpeza das casas, ajudamos nas oficinas, tratamos dos jardins, e outras coisas, de maneira que fique tudo bem feito. Cada um tem trabalhos escolares para apresentar no 2.º Período aos seus professores. Também há tempo para jogar futebol, ver televisão na casa ou no bar e aos fins-de-semana andar de bicicleta.

FUTEBOL — Os nossos antigos gaiatos vieram fazer uma visita e jogar futebol connosco. Foi uma categoria e um prazer de ver os nossos antigos gaiatos jogar com os nossos Rapazes. Quem ganhou o jogo fomos nós. Os nossos golos foram marcados pelo Marculino, o Pina, o Joaninha, o Dário, o Ináliu, entre outros. O jogo teve muita assistência.

NATAL — Os nossos Rapazes prepararam a noite de Natal com ensaios sobre o nascimento do Menino Jesus, outros prepararam números musicais, e outros trataram dos enfeites de Natal para as casas, o refeitório e a Capela. Houve distribuição de prendas para todos, tendo muitos gostado das coisas que receberam. Mas o mais importante no Natal é receber o nosso Menino Jesus no nosso coração. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O NATAL E O DAR — Na acção social fala-se hoje muito e cada vez mais de “empreendedorismo” e de recurso ao mercado para resolver problemas sociais e assegurar a sustentabilidade económica das organizações que actuam neste campo.

É verdade que é preciso haver aqui capacidade de empreender, correndo riscos na procura de respostas mais adequadas e eficazes do que as que estejam a ser utilizadas e já não se adequem à configuração que os problemas sociais têm hoje em dia. Isto passa por mudanças em organizações de todo o género: não só nas instituições privadas de solidariedade social e noutros grupos de acção social, mas também nas empresas privadas com fins lucrativos, nas instituições públicas e nas famílias.

Também é verdade que há respostas aos problemas sociais que podem e devem tirar mais e melhor partido do recurso ao mercado.

Dito isto, o problema que muitas vezes acontece quando se fala destes assuntos é que acaba por se ficar com a impressão de que se pode responder adequadamente aos problemas sociais e assegurar a sustentabilidade das organizações que actuam neste domínio sem ser muito preciso recorrer à dádiva e à partilha, nas diversas formas que estas podem ter. Perder a noção disto é perder a noção do que é mais essencial na ajuda às pessoas que precisam de nós. É perder a noção do que deve ser mais essencial na nossa vida de todos os dias. Não é por acaso que o 1.º Mandamento da Lei de Deus tem que ver com isto. É quando o dar acaba que os problemas sociais começam.

Claro que não estamos aqui a falar do dar, sem cuidar de saber a quem se dá. Isto é estragar. Não estamos aqui a falar do receber a dádiva e não se dar boa conta dela. Isto também é estragar. Por isso, o dar e o receber como deve ser dão muito trabalho, podem dar muitas frustrações, mas também dão muita felicidade da verdadeira.

O Natal está aí todos os anos a lembrar-nos a importância do dar, mas é preciso que os actos de generosidade que são mais frequentes nesta época aconteçam em todos os dias, horas e minutos do ano.

Falando em dar, o nosso muito obrigado à pessoa de quem recebemos, há dias, uma cadeira de rodas que vai fazer muito jeito àqueles que, a cada passo, nos chegam a pedir este tipo de equipamento emprestado. Também o nosso muito obrigado aos leitores que, sendo Natal ou não sendo Natal, nos dão todas as semanas provas de generosidade. Que Deus nos ajude sempre a darmos bom uso às suas dádivas e a estarmos à altura da sua generosidade.

Um Santo Natal e um Bom Ano Novo para todos os leitores e suas famílias.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Tem feito mesmo muito frio, que não tem poupado a nossa horta, em especial o couval. As árvores de citrinos já têm bons frutos. Um casal amigo de Bajouca (Leiria) deu-nos galinhas poedeiras e codornizes, mais batatas e outros produtos, que agradecemos. Uma senhora amiga, de Coimbra, já nos arranjou alguma batata de semente.

SAÚDE — A 13 de Dezembro, Sábado, seis Rapazes, entre aqueles que são acompanhados no Hospital Pediátrico de Coimbra, puderam assistir à festa de Natal *Coração Feliz*, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

ARRANJOS — Como saiu parte dos azulejos do quarto de banho, do primeiro andar do edifício a nascente, tiveram de ser recolocados. No rés-do-chão desse prédio, foram pintadas as paredes do outro quarto de banho.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Lembramos que no próximo ano há datas de aniversários que pretendemos celebrar com a dignidade que merecem.

Damos conhecimento de que Os Órgãos Sociais reuniram em Miranda, em Outubro, e o Conselho Executivo fez mais duas reuniões, para programar actividades. Assim, está feito o Plano de Actividades para 2015, que passamos a desenvolver:

- 6 de Janeiro — Trigésimo aniversário da constituição de nossa Associação. Para uma maior participação de associados, entendemos por bem fazer a comemoração no nosso Encontro Anual.
- 10 de Janeiro — Celebração do septuagésimo quinto aniversário da primeira

Dado que, há vários anos, ficou desligada a água para as oficinas e salões, a respectiva caixa, na rampa de acesso, teve de ser feita de novo e puxada mais para a superfície. Aproveitaram-se quatro meses de madeira, armazenadas, para se arranjam na carpintaria umas vitrines de exposição.

ENSINO — No dia 16 de Dezembro terminou o primeiro período de aulas, nas várias escolas que os Rapazes frequentam em Miranda do Corvo, Senhor da Serra, Avelar e Alvaiázere. Houve festa de Natal, pelas 19 horas, no Centro Educativo (1.º ao 4.º ano). As reuniões das entregas das avaliações foram marcadas para 19 de Dezembro. Era bom que os resultados fossem positivos e se melhorasse o comportamento.

AJUDAS — Têm-nos chegado géneros alimentícios e outros bens necessários para a nossa Casa e os pobres que

ajudamos. Vários amigos e amigas que participam na nossa Eucaristia e outras pessoas que nos visitam, mais grupos de várias comunidades cristãs têm partilhado connosco. Assim, referimos: Torre de Vale de Todos, Lagarteira, Alvorge, em que é Pároco o Sr. Padre Fernando; Souto de Brejo (Pampilhosa da Serra); Aguda (Figueiró dos Vinhos); Lamas e Vila Seca. A empresa Vetdiagnos, de Cantanhede, trouxe-nos vários produtos. A todos os que se empenharam nessas campanhas, o nosso bem-hajam!

CONTACTOS — Antes de mais, a todos os nossos leitores e amigos e amigas, enviamos votos de feliz Natal e próspero Ano Novo! Nesta quadra, deixamos outra vez os contactos desta comunidade da Obra da Rua: Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099 e E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt. □

do aniversário é a 6, mas faremos a romagem a 10.

• 14 de Junho — Realizaremos o nosso Encontro Anual. Como já anunciámos, festejaremos o nosso trigésimo aniversário, pelo que, desde já, apelamos ao entusiasmo e presença de todos os associados. Aproveitemos a data para imprimirmos maior dinâmica à acção da nossa Associação. Mais tarde daremos conhecimento do programa.

Outras datas e acções serão de realçar. A seu tempo dar-se-á conhecimento.

Temos acompanhado os associados mais necessitados de apoio, de quem nos foi dado conhecimento, a quem levámos o nosso contributo e o da casa mãe, a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Aproveitamos para desejar a todos, associados e amigos, uma quadra natalícia plena de saúde, paz, luz e alegria partilhada. □

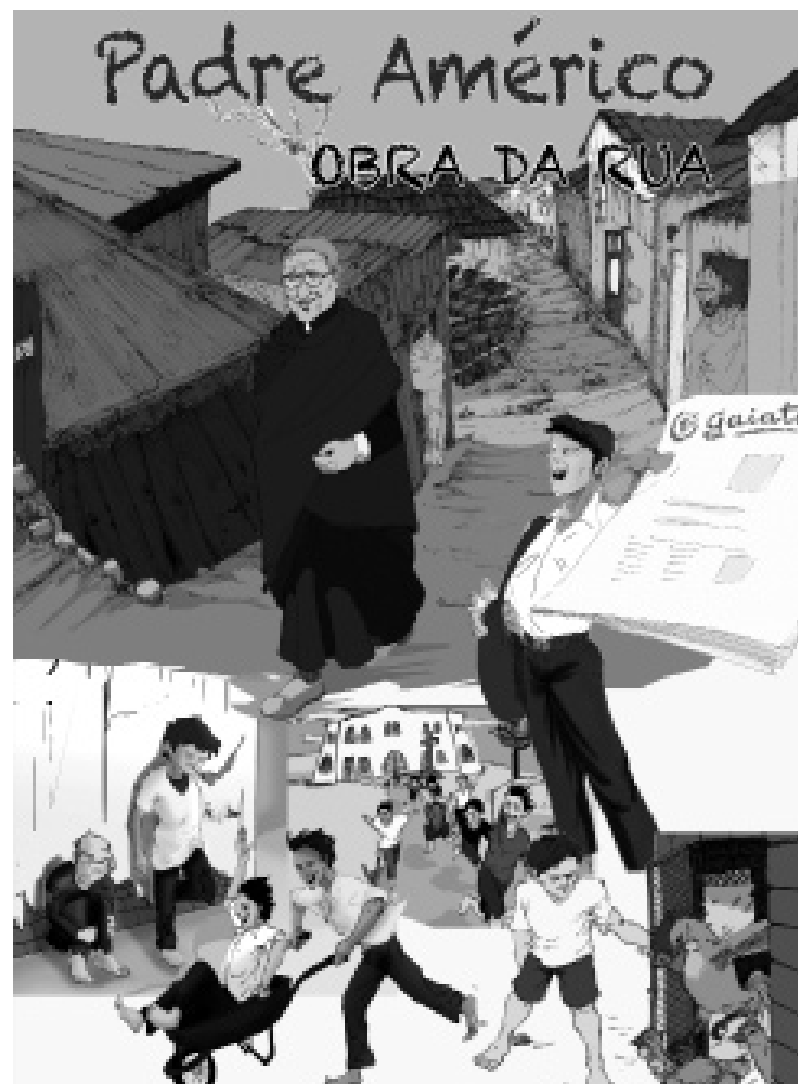
Banda Desenhada

Num instante se foram os exemplares que pensáramos para uma primeira fase. Já entrámos na segunda e os pedidos não param de chegar — e continuam a ser de mais dum exemplar, o que demonstra o interesse que ela está a ter entre os nossos Amigos e Assinantes.

A propósito aqui vai o testemunho da Assinante 746: «*Acuso recepção de 4 livros (banda desenhada) sobre a vida do Padre Américo, protector e Pai dos meninos da rua — Obra da Rua. (...) É um hino de louvor e gratidão por tudo o que fez pelos meninos desamparados, a vaguear pelas ruas, sem terem uma estrela a conduzi-los a um bom caminho.*»

E o entusiasmo do Assinante 25057: «*Acabei de receber a Banda Desenhada: Padre Américo — Obra da Rua, que está um mimo, simplesmente maravilhosa.*»

O conteúdo desta Banda Desenhada foi pensado para todas as idades e como meio de divulgação do pensamento do Fundador. Sendo uma belíssima prenda a ofertar neste tempo de troca de mimos e uma forma de levar a mais pessoas o conhecimento da nossa Obra e das nossas Casas do Gaiato.



Os Amigos que queiram encomendar, devem dirigir o pedido à Casa do Gaiato, 4560-383 Paço

de Sousa. Pelo telefone 255752285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt.

Júlio A. B. Fernandes

SETÚBAL

Padre Acílio

Vicentinos

OS vicentinos, numa tradição de mais de meio século, vieram realizar nesta Casa a sua Assembleia da Imaculada Conceição.

É sempre um encontro familiar. Os pobres unem-nos, quase como o sangue. E o serviço deles cria forte comunhão.

O vicentino, é atraído por outro vicentino, e o encontro gera felicidade.

Verificou-se que algumas conferências, são mais centro de distribuição de alimentos aos carentes, em nome da segurança social, do que demonstrações do Amor de Deus aos pobres.

O dom do discernimento, que nos é dado pelo Espírito santo, actuará em todas as circunstâncias nos corações rectos. Convém estar alerta, para sabermos sempre a Quem servimos e em nome de Quem.

A Missa foi animada por alguns dos nossos rapazes e o ofertório reverteu a nosso favor.

Os vicentinos não só têm um coração de pobre, mas também, na sua maioria, são desprovidos de abundantes bens materiais, de forma que o seu ofertório é sempre valioso e tão que instintivamente, contra as leis litúrgicas, mandei pôr os cestos no altar.

O ofertório é o sacrifício do povo

pobre, dado ao Pobre que se imola por nós.

Na sala de jantar o convívio foi caloroso, com todos os rapazes a comer a merenda dada pelos vicentinos e composta pela feijoada do nosso almoço, a qual estava uma delícia, segundo o gosto de algumas senhoras.

Houve canto à desgarrada com os rapazes, dança e manifestações de grande alegria.

Carros antigos

UMA Associação de carros antigos do Ribatejo, quis fazer o seu encontro de Natal, em nossa Casa.

O presidente veio observar, dizer o que era e o que pretendia.

Esta Casa tem ambiente para tudo o que é bom; dificilmente encontrarão melhor, mais espaçoso e até mais apetecível.

— *Se os rapazes quiserem, poderão até dar uma volta nos carros.*

— Mas não houve tempo.

O almoço, o café, o concerto que a banda ofereceu no salão de festas, visita à Capela, contemplar a magnífica galeria de pinturas sagradas, preencheu-nos a tarde toda.

Tinham-me dito que trariam mercearia, roupas e brinquedos. E trouxeram, mas pelo jeito, vi logo que aquilo se reduzia a pouco. Sonhei com muito mais.

A Casa do Gaiato vive do povo santo de Deus, nem um centímo do Estado. E nestas associações laicas, encontramos por vezes, gente boa e até alguma a caminho da santidade.

Abrir-lhes a porta é facultar o acesso à Palavra de Deus que está viva, não só em cada um de nós, mas também no ideal da Casa do Gaiato, aquilo a que Bento XVI chamou “Átrio dos Gentios” e que eu já citei em escritos passados.

Foram mais de cem pessoas. Cinco fizeram-se assinantes d’O GAIATO e uma deu 100 euros.

Todos levaram a alma cheia e perceberam melhor o valor real para a sociedade, de uma Obra destas e o erro absurdo que o Estado comete, em não reconhecer o que está à vista.

Natal

ESCREVO dez dias antes do Natal. Quando me leres, já este passou, mas em Casa, o ambiente festivo, começa a desenhar-se.

Não é só o grande presépio, os enfeites da sala de jantar. São também as visitas dos amigos, o alívio dos donativos e a aproximação afluyente dos pobres.

Não nos falte a preparação espiritual para o viver e abrir os olhos para o descobrir à nossa volta.

A todos os amigos, desejamos que tenham passado um Natal cheio da consolação do Menino Jesus. □

SINAIS

Padre Telmo

HOJE é o 27 de Setembro. Fomos avisados que viria uma representação dos trabalhadores do BNA comandada pelo senhor administrador Dr. Manuel António. Esperámos ansiosos. Às quatro da tarde chegaram. Uma carrinha grande carregadilha. Os mais pequeninos cantaram as boas vindas. Nosso chefe agradeceu. O senhor administrador fixou que o donativo para as crianças provém de um gesto bonito de um grupo de trabalhadores do Banco.

Os nossos «Batatinhas» cantaram um cântico de agradecimento. Fomos receber: arroz, fuba de milho, açúcar, azeite, conservas e congelados. Um grande donativo que encheu a nossa despensa. Depois, mais uma vez a nossa gratidão, sobretudo pelo carinho e amizade por nós.

Veio também uma representação do colégio de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Luanda com uma carrinha carregada. Andaram 400 quilómetros para estar connosco e nos ajudar! «É hábito nosso, que procuramos inculcar em nossos alunos — o hábito da partilha» escreveu a directora D. Georgina de Castro.

As mães da Sé Catedral — com fé, devoção e canto: «Para as vossas crianças». Uma generosa oferta com alegria.

A D. Zelia da SOVIDROS, como em todos os natais, vejo a sua carrinha carregada de farinha, açúcar, óleo e outros.

O André, ainda há pouco nosso «Batatinha», como em todos os natais, veio com sua carrinha carregada. Trabalha no banco: «Não posso esquecer os meus irmãos».

Que o Senhor abençoe a todos!

CHEGOU, de novo, o Mariano, descontraído como se aqui tivesse nascido.

Não quer escola nem trabalho. Desde pequenino que vive na rua... sabemos que não ficará muito tempo.

À força e porta fechada? Livre e porta aberta...

Esperemos que uma flor nasça em seu coração. A rua tem para ele seu encanto. Domina. Só a tal flor no seu coração de menino. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

TEM sido impossível ir à cidade. Não fossem alguns compromissos com nossos Amigos que esperam, nem iria. É muito mais saborosos recebê-los aqui em Casa com os nossos Rapazes à volta, em clima de festa, porque amados. Têm vindo grupos de empresas e de famílias partilhar os seus bens e saborear o nosso almoço. Estamos sempre prevenidos, não aconteça que de religião muçulmana alguém não possa saborear a feijoada. Quantos para não nos desgostarem fazem a caridade de comerem, procurando que não demos por isso. Como gosto desta comunhão de amizade, que na hora que vivemos para boa parte do mundo é um exemplo de convivência possível. São sinais de que a perversidade dos homens não vencerá. “O humilde vence sempre”, como ensinamos aos rapazes. E ninguém mais humilde que Deus. Fez-se homem e nasceu nu, perante o olhar embebecido dos pais, que constituíam a sua família terrena. Outro ensinamento. A família vencerá, essa é a vontade de Deus. A ideologia materialista sem dar por isso, opôs ao Natal o dia da Família e deixou a porta da verdade escancarada. É a raiz a clamar o seu direito natural. O que for desenraizado definhará. Pelo conforto que neste tempo nos sentimos possuídos, pelos sentimentos que trazem até nós tantos amigos, o Natal é e será sempre uma Luz a brilhar. Uma estrela encaminhou os magos do oriente. Até por aí vemos que Deus conduz o mundo para si. Só é lamentável, até que se concretize esse desígnio, tenham tantos transformados Deus em bezerro de ouro e multidões sejam imoladas em holocausto sacrílego, anti-humano e anti-natural. Como pode o homem ambicionar riquezas de sangue se nem Deus o quer e ele não é nada? O poder, a glória, a grandeza deste mundo hão-de perecer, como o capim das estepes ou a semente plantada à beira do caminho e nem a alma se aproveita. Será que Deus que é infinito em sua misericórdia o quererá acolher? Se Jesus chorou sobre Jerusalém é porque o homem não quer mesmo nada de Deus. Que Deus proteja de ambições quantos têm sido a Sua presença junto de nós. □

— Estejam aqui —, no corredor ao lado da cozinha.

— Mas vocês nasceram aonde?

— Em Lisboa. O nosso pai deixou a nossa mãe. Há muitos anos que não o vemos. Fomos criados numa Casa de Rapazes (?).

— Não estudaram?

— Fizemos o 5.º Ano.

— Estou mesmo a ver. Não os obrigaram a estudar. Vocês preferiram a boa vida e agora chegaram a esta situação.

É uma casa com equipe técnica. Tudo de acordo com a lei. Uma lei que prefere fazer burgueses em vez de trabalhadores. Os meninos podem fazer tudo, menos trabalho.

Começo a entender melhor, agora, o porque sobre qualquer rapaz o Tribunal me pergunta: «Que projecto de vida tem para ele?»

O meu projecto é fazer um homem. A escola é basilar. Sempre foi o mais importante nas Casas do Gaiato.

Deixar um rapaz, com capacidade, no 5.º Ano, é um crime de que ninguém responde, porque a equipe técnica é aprovada por lei e tutelada pelo Estado.

— Ai este cheirinho — dizia um.

Era o jantar dos rapazes.

— Vê-se que isto é uma família.

Amargurado, com esta grande contradição, lá lhes paguei dois meses de renda de casa, tendo antes falado, pelo telefone, com a senhoria, a qual me tentava forçar os três meses.

— Não. Pago só dois. Os homens vão trabalhar para a semana que vem, e depois irão pagando. Deixe-os estar!

A casa é clandestina. A renda também. Tudo foge ao fisco e um cheque pode ser uma armadilha. Mas eu não pago de outra maneira. O cheque é endossado ao senhorio.

Os pobres vivem no meio desta emaranhada toda. □

«SABIA QUE NÃO VINHA SOZINHO...»

Padre João

HÁ dias, um colega disse-me: «A sua vida é uma tragédia». Já uma vez um amigo me tinha dito, depois de ouvir alguns desabafos meus acerca das vidas a que me tenho devotado na Obra da Rua, há mais de 25 anos, que trazia a minha cabeça cheia de poeira...

Nesta «grande véspera de natal» fui visitar dois Rapazes detidos em dois estabelecimentos prisionais da Região Centro, a cumprirem pena. A tragédia deles não pode deixar de ser minha também — assim o sinto, dentro de mim, de forma irreprimível. Assim sentem, creio, todos aqueles que estão de algum modo ligados à problemática da educação.

Ambos andam na “casa” dos 24 anos — uma idade bela de sonhos e de projectos, tantas vezes estragada com falsas promessas de “paraísos dourados...”

No horizonte da minha consciência inquieta uma interrogação tene-

brosa se ergue como fantasma: «Que faltou na educação e no acompanhamento deles...?» Tempo? Disponibilidade para escutar, para vigiar e amparar? A palavra certa e oportuna? E o que não faltou? Ilusões e promessas vãs, discursos polidos e até homilias fascinantes... Um pouco de tudo isto, sem dúvida!

É certo que nenhuma omissão retira a responsabilidade, que cada um teve oportunidade de desenvolver, como tantos outros, em circunstâncias semelhantes.

Prefiro contudo assumir a minha culpa, já que na tarefa educativa, o falhanço dos educandos é uma tragédia vivenciada para os educadores que experimentam tal função numa linha de paternidade/maternidade. Assim o recordava o Pai Américo magistralmente: «Educar é dar-se pelo conhecimento íntimo do seu educando. O nome e as fichas do rapaz são um zero em matéria de educação. Eu nunca li fichas de

nenhum dos meus rapazes. Nunca li informações. Não falta quem me diga mal de alguns, apontando, até, factos concretos. Eu porém oiço em silêncio, guardo tudo no meu peito e espero que o rapaz se revele a mim. Ele é que me há-de dizer tudo. Isto é educar... Se não és pai não és educador».

Na visita que fiz ao último, fui acompanhado por um antigo companheiro dele. A alegria que senti em me ver foi complementada pela companhia que eu levava: «Eu sabia que não vinha sozinho», disse, confortado. Vai ali prosseguir os estudos e quer concluir o 12.º ano numa vertente profissional. Bons propósitos, mesmo num ambiente marcado pela reclusão, que muito hão-de contribuir para a diminuição da pena e para a sua futura inclusão social. Também isto é natal na sua verdade mais autêntica, sem grandes discursos nem pruridos de outra espécie sentimental. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

— Ó, pá!, roupa e comida, a gente tem, mas a estas horas? As senhoras estão ocupadas com os rapazes, não tenho ninguém disponível para os atender.

— É que a gente vai para a rua no próximo sábado, se não pagarmos a renda da casa. Sim. Vivemos com as nossas mulheres na mesma casa e temos cinco meses em atraso.

— Como é possível — homens jovens cheios de força — não pagaram a renda porquê?

— Estamos desempregados. Trabalhámos para uma firma de mudanças e limpezas; aquilo fechou e nós ficamos assim.

— Não têm subsídio de desemprego?

— Não. Não nos passava recibo, nem descontava e pronto.

Os olhares cruzaram-se. Emudecemos durante uns momentos e eu cortei o silêncio com uma pergunta:

— Vocês não vão à Igreja? Não conhecem o pároco?

— Não. Normalmente não vamos, mas fomos lá pedir. E sabe o que nos disse? Que a Igreja também estava em crise.

É possível que esta desculpa apareça sem qualquer sentido. É possível, mas também não é quimérico que seja real.

É próprio da Igreja viver em crise. A crise é o seu estado normal, para vencer todas as crises. Uma Igreja pobre está sempre em crise, mas se o for de verdade, tem sempre poder para reagir e ajudar os pobres. Sempre!...

A multiplicação dos pães, deu-se para ensinar esta verdade eterna. Efectivamente, assim foi ao longo da história. A pobreza da Igreja foi sempre a sua riqueza. Uma Igreja rica fecha-se aos pobres. A pobre reparte e atrai. A rica repele.

Os homens vieram comigo à senhora:

— Arranje-lhe aí um agasalho!

E ela deu-lhes um *kispo* comprido, quase um sobretudo, forrado a lã e ainda com um capuz guarnecido do mesmo pêlo.

Foi o Vasco que lhes encheu os sacos.

Os homens andavam para um lado e para outro, atrás do rapaz, a ver onde ele tinha os alimentos, o que me pareceu atrevimento e falta de discrição.

Chamei-os e ordenei:

BENGUELA

Padre Manuel António

Os pais também sofrem

QUANDO vossos olhos poísa-rem nestas Notas, a Festa do Natal já aconteceu. Meu pensamento chega a todos os corações para que cresçam e abundem na Caridade. Deste modo, os pobres do povo não se sentiriam abandonados. Quem dera cada Festa do Natal fosse um sinal do mundo novo, onde não houvesse mais lugar para qualquer forma de escravidão, para a fome e, sobretudo, para o egoísmo e a indiferença, perante as situações de desgraça, em que muitos irmãos se encontram. Ao longo destes dias que precedem a Festa do Natal, a nossa Casa do Gaiato tem experimentado o carinho de muitas comunidades, na doação de bens alimentares e outros benefícios. Na medida em que recebemos, procuramos partilhar com os pobres que nos batem constantemente à porta. A vida individual e comunitária, ordenada pela força do amor, proporciona a alegria profunda, a serenidade e a paz. São estes bens que fazem a felicidade da pessoa humana. Pelo contrário, uma vida desordenada, feita de aventuras, loucuras e evasões da responsabilidade social, pode dar muitos prazeres, mas não a alegria profunda, a serenidade e a paz. Por isso, neste tempo de preparação e vivência da Festa do Natal, guardemos, no mais fundo do nosso coração a mensagem que nos convida a andar sempre alegres. Onde nasce esta alegria? Da abertura do nosso coração aos impulsos do Amor. É, sem dúvida, um caminho da vida, estreito e duro, mas é o único caminho seguro. Vamos experimentar!

Hoje, manhã de domingo, saí com os mais pequenos para a praia. Passámos pelo centro da cidade, em direcção ao mar. O povo que se cruza connosco fixa os seus olhos nestes filhos, com admiração e carinho. São muitos os que andam pela rua, abandonados. No coração deles estão guardados os mesmos valores humanos que existem nos filhos que nasceram numa família e são acompanhados pelo amor e carinho dos pais. Necessitam, por isso, de ser acolhidos pela força do amor e da justiça. Quem nos dera dar-lhes a Casa de Família que não têm, para que sejam pesos vivos na sociedade e a maior riqueza da Nação. Mas as nossas possibilidades, de momento, estão esgotadas. Temos esperança! Ajudar cada rapaz a ser um homem é o lema da nossa vida! Quem dera que tenham lugar também nos vossos corações, através da vossa ajuda! A propósito, quando estava com os pequenos na praia, recebi um telefonema do Eng. Zacarias. Este homem, ainda jovem, foi criado, desde pequenino, na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Preparou-se como filho para ser um homem. Trabalhou, estudou, fez o seu curso superior na Universidade. Defendeu a sua tese na área da engenharia. Maravilha! Está a trabalhar como funcionário da Alfândega. É, também, professor. Foi com muita alegria que recebi suas notícias, juntamente com sua esposa e filho.

Ajudar cada rapaz a ser um homem é o objectivo da Casa do Gaiato!

As oportunidades são oferecidas a todos estes filhos. Infelizmente, nem todos aproveitam, como acontece nas famílias naturais. Lembro-lhes, muitas vezes, para os alertar que a maioria das crianças da nossa querida Angola não têm as possibilidades humanas de que dispõem. A nossa Casa do Gaiato quer dar-lhes o que é fundamental, com o apoio que nos é dado pelos vossos corações. É verdade! Não há outra fonte. O desânimo não pode, contudo, ter lugar. O trabalho do educador é alimentado pela força do amor. Há que dar a vida, até ao fim. A paciência, a perseverança, são marcas que não podem faltar. São os sinais muito visíveis

do serviço educativo. Esta fase que estamos a viver é o final do ano lectivo de 2014. Há momentos de muita alegria. Ontem, três rapazes apresentaram-se com as suas faixas do final do curso médio, no seio da comunidade reunida. Foi um momento de muita alegria e de muitas palmas. Outros, porém, apresentaram-se reprovados, por causa da sua falta culpável de aproveitamento. É, sem dúvida, um dos sectores da nossa vida que nos consome muitas energias. Os pais também sofrem. Não há, contudo, razão para o desânimo. Pelo contrário, temos que investir sempre energias novas. Vamos para a frente, de mãos dadas com as vossas. Nestes últimos dias, a nossa Casa do Gaiato tem sido procurada por muitos grupos de jovens, crianças e adultos, a fim de fazerem uma preparação mais profunda para a Festa do Natal. Destes encontros nasce um conhecimento mútuo que a todos enriquece. □



**BODAS DE DIAMANTE DA OBRA DA RUA
75 ANOS DA CASA DO GAIATO
DE MIRANDA DO CORVO-COIMBRA
(7 DE JANEIRO DE 1940)**

**PROGRAMA DA COMEMORAÇÃO
10 DE JANEIRO DE 2015 – SÁBADO**

- 12.00 H – EUCARISTIA.
- 13.00 H – ALMOÇO CONVÍVIO.
- 14.00 H – EXPOSIÇÃO: PAI AMÉRICO E A OBRA DA RUA.
- 15.00 H – PALESTRA PELO DR HENRIQUE PEREIRA (UCP – PORTO).
- 16.00 H – PARTICIPAÇÃO DOS RAPAZES DA OBRA DA RUA.
- 16.30 H – INTERVENÇÃO DO PADRE JÚLIO.
- 17.00 H – MERENDA PARTILHADA.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

praceta com nome de cidade da miragem da Índia, em que o arroz também era devido. Não se tratou de um presente natalício, o que ofende dizer, mas de uma restituição. A teoria de Malthus, dois séculos depois, não pode ser perfilhada pelos cristãos, na medida em que os meios de subsistência são mais que suficientes para alimentar a população mundial. Sem distribuição justa dos bens essenciais, nada feito. São desperdiçados, anualmente, um bilião e trezentos milhões de toneladas de alimentos, o que representa um terço da produção mundial.

Nesta peregrinação, com imagens reais do Deus vivo e verdadeiro, nas encruzilhadas dos caminhos tortuosos, ainda tivemos outros guias casuais, fora do ninho, mas não em turismo. Foram dois afoitos pequeninos, andrajosos e de lindos olhos, dispersos num bairro de lixo e barracas. Levaram-nos ao abrigo da mãe de ambos e de uma vizinha de outra pátria,

VISTAS DE DENTRO

Padre Júlio

NESTE regresso à nossa Casa do Gaiato de Moçambique, por breves dias, possível pelo sacrifício do nosso Padre Manuel António que me ficou a aguardar em Paço de Sousa, ansiando a chegada do dia em que poderia, por seu lado, retornar à sua Casa do Gaiato de Benguela, tive a receber-me no aeroporto o nosso Padre Zé Maria e alguns Rapazes seus.

O Padre Zé já tinha perdido as esperanças de me ver por aquelas terras, que são suas, não por ser delas natural mas por nelas ter gasto e consagrado toda a sua vida, à maneira do Mestre que deu a vida pelos seus amigos e inimigos. Mas como poderia ausentar-me, deixando esta Casa do Gaiato de Paço de Sousa sem um padre aqui presente?

A nossa realidade em Portugal mostra-nos que cada Casa da nossa Obra tem um só padre, não havendo possibilidade para delas se ausentarem, por isso, por mais do que um dia. A consciência no-lo exige. Daqui a dificuldade principal na deslocação a Moçambique. Mas a oportunidade surgiu, e foi importante que acontecesse.

Foi o encontro com um mundo diferente, em alguns aspectos, do nosso, e só me vou referir à nossa Casa local, em que Padre Zé e a Irmã Quitéria são a cabeça que une todos os seus membros numa Comunidade familiar: os que nela se acolhem para crescerem até se fazerem homens – os Rapazes; os que nela encontram um espaço de contribuírem com o seu trabalho e ganharem o pão para as suas famílias – os antigos gaiatos e outros trabalhadores indispensáveis; e finalmente, os que anseiam por se darem generosamente aos pobres, para que estes se promovam, por um determinado período das suas vidas, encontrando na Casa do Gaiato uma mão amiga, quiçá um prolongamento da sua própria família, com quem fazem caminho.

É nesta confluência de pessoas que se faz a Casa do Gaiato, à qual é indispensável a presença da normal ausência física dos nossos Amigos, que connosco se alegram, confiam e sacrificam, em todos os momentos da vida, sofrendo por Caridade a injustiça em íntima união connosco. E são tantos, meu Deus!

Esta nossa Casa do Gaiato de Maputo teve como sua última construção da Aldeia, a Capela. Poderá parecer estranho esta opção numa Obra toda ela de Deus, alicerçada sobre pedra angular do Santíssimo Nome de Seu Filho, recolhida sob a protecção maternal e protectora de Maria, Sua Mãe. Quando a Casa do Gaiato regressou a Moçambique, após alguns anos de ter sido extinta e espezinhada, mas logo desejada e acolhida, muitos dos Rapazes que abraçou vinham desnutridos, carregando sérias carências básicas. Sabendo que o Evangelho não pode ser pregado a estômagos vazios, verdade que Pai Américo experimentou e proclamou, houve primeiro que criar as condições para que a vida se equilibrasse, surgindo a Capela como o expoente de uma Obra que é feita para conduzir todos a Deus, fazendo jus ao desejo de Pai Américo que se deu por ela: «Eu quero os meus filhos no céu».

O cheiro da família está lá bem impregnado, e só peço a Deus, que escolheu fazer-Se homem no seio de uma família humana, que não falte a esta família, grande e Pobre, com todos os dons que necessita para viver pelos tempos fora. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Quem anda nesta vida não deita contas à vida. Arruma as coisas e depois vem gemê-las neste mirante, aos corações das gentes de teres.

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, p 175

com uma prole espigada e amargamente desempregada. Emigrada há longos anos, a miséria reproduziu-se, ainda sem volta a dar-lhe. Acontece que, na ilha de origem, o horizonte ainda é mais sombrio. Olhando em redor daquela montureira, as torres de betão também nos feriram a vista míope, num desordenamento urbano e especulação imobiliária, onde escasseiam espaços verdes. Aqueles currais não são morada de gente, mas quem pode chegar a melhores habitações sem recursos e fiadores?... O Menino Deus não chora nem Se mostra a quem fica a olhar para o umbigo ou para um trenó carregado de embrulhos desnecessários, para dar azo a birras. Afinal, no fundo, o que os filhos e filhas mais desejam é o amor, a ternura e a proximidade da mãe e do pai, e de irmãos... É certo que o Evangelho entra pela barriga, pelo que reforçamos também na partilha as malgas de leite, pois o nosso único Deus fez-Se mesmo Homem e alimentou-Se de verdade para Se fazer alimento.

O Seu Nome Santíssimo é velado, mas não atirado ao vento nas estações dessa via sacra. Na alegria e no sorriso dessas crianças, ouvimos sete vezes a palavra mãe! Quem tivesse dúvidas, nesse chão, tirava-as logo; pois, sem o sim da Mãe de Jesus não teria sentido e não seria remido o padecimento da humanidade, dorida e transviada. Num mundo sem mães, acabariam por ladrar só os cães. Vamos na caravana?... Os pastores, cheirando aos rebanhos, chegaram depressa à toca de Jesus. Quem não sair de si mesmo não encontra o sentido da vida. Há tanta gente com os olhos rasos de água, que desespera gemendo. Jesus Menino nasceu de olhos pregados na Luz da Sua cruz! Sem conhecermos os *restos* e as *margens*, como chegamos à manjedoura do Presépio de Jesus e da fragilidade humana? Escondê-l'O leva à solidão de quem não tem pão nem uma mão. Nas famílias deixou de se falar de Jesus? Lembremos gratamente o dom da vida humana e quem nos ensinou o Nome de Jesus! □